

## Portugal na guerra

### Informação do general Tamagnini relativa á semana finda em 8

A situação manteve-se relativamente calma. Costumados bombardeamentos reciprocos e pequena atividade de patrulhas. Moral das tropas excelente. Perdas insignificantes.

### A visita do Presidente da Republica Portu- guezza

PARIS.—A noticia da visita, no mez de outubro proximo, do presidente da Republica Portuguesa, sr. dr. Bernardino Machado, ao "front" portuguez, na linha ocidental da guerra, produziu aqui a melhor impressão.

Interessante seria que por essa ocasião pudesse vir a Paris fazer-se ouvir, em dois ou tres concertos, em favor das nossas vitimas da guerra, a musica da Guarda Republicana de Lisboa. Poderia dar dois concertos no Trocadero e um no Jardim das Tulherias—como já o fizeram as musicas da Servia, da Inglaterra, da Belgica e da Italia. O produto desses concertos não só cobriria as despezas do transporte dos musicos e sua estada em Paris, mas daria alguns milhares de francos á obra da humanidade, como é a caixa das viuvas e orfãos portuguezes da guerra. Expuzemos já esta ideia em Paris e todos a acharam excelente. E de facil execução.

X. de C.

**Assinatura**  
**PAGAMENTO ADIANTADO**  
 Um escudo no concelho da Feira e resto do continente. As despesas da cobrança pelo correio são levadas á conta do assinante, acrescentadas no respectivo recibo.  
 2 escudos nos Estados-Unidos do Brazil e colonias portu-  
 guezas.

**Anúncios**  
 Por linha, 7 centavos; repeti-  
 ções, 5 centavos. Permanen-  
 tes, preço convencional. Im-  
 posto do selo á conta do  
 anunciante

Anuncia-se e aprecia-se qual-  
 quer publicação de que se  
 receba um exemplar.

# CORREIO DA FEIRA

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA

**J. Soares de Sa**  
 Director, administrador, pro-  
 prietario e editor.

**Redacção.**  
 Administração, tipografia e  
 oficinas de impressão,  
 Praça da Republica—Feira.

Publicação semanal, aos saba-  
 dos de tarde.

Aceitam-se e publicam-se in-  
 formações ou correspondencias  
 que não envolvam responsabi-  
 lidade. Não se restituem os au-  
 tógrafos.

Toda a correspondencia deve  
 ser dirigida á Redacção e ad-  
 ministração, Praça da Repu-  
 blica—Vila da Feira.

## A GRANDE GUERRA

### A mensagem de Benedito XV

Preparam-se nas varias chance-  
 larias das nações dos dois grupos  
 beligerantes as respostas a enviar  
 á nota papal com que Benedito XV  
 pretendeu lançar ao mundo a pa-  
 lavra de paz.

Pertencemos ao numero daque-  
 les que não põem em duvida as  
 generosas intenções do Pontífice  
 romano. Convencemo-nos de que o  
 chefe da Igreja catolica, homem  
 incontestavelmente dotado de su-  
 periores qualidades de espirito e  
 de coração, sente, como nós, a  
 dôr de vêr a velha Europa afogar-  
 se num mar de sangue e descon-  
 juntar-se numa hecatombe de rui-  
 nas, dando ao mundo a lamenta-  
 vel impressão de que só a força é  
 susceptível de merecer respeito;  
 mas o documento emanado do Va-  
 ticano, que devia marcar uma da-  
 ta na Historia, tem de ficar, pelas  
 suas reticencias e pela sua timidez,  
 como mais uma simples manifesta-  
 ção platónica, em tudo análoga  
 áquelas de que, desde 1914, Roma  
 tem tomado a iniciativa.

E' o proprio Papa que faz alu-  
 são ás suas anteriores intervenções  
 para a cessação das hostilidades,  
 deplorando em termos comoventes  
 os horrores da guerra e condenan-  
 do-os em nome da humanidade e  
 dos principios cristãos. Até aí,  
 nós, cidadãos de um paiz que jus-  
 tamente se orgulha de civilizado,  
 estamos de pleno acordo. Mas esta  
 guerra, que bem pôde classifi-  
 car-se de abominavel, foi inegavel-  
 mente desencadeada por crimino-  
 sos conscientes, que sabiam o que  
 queriam, que antecipadamente mar-  
 caram o caminho a trilhar, que  
 accumularam durante dezenas de  
 anos os recursos de toda a ordem  
 para pôr em execução o seu plano  
 sinistro, e que não recuaram pe-  
 rante os mais barbaros e infames  
 processos para a ambicionada con-  
 secução dos seus fins.

Assente este ponto, ao qual nin-  
 guem de boa fé poderá opôr con-  
 tradita, impõe-se pela logica mais  
 elemental que a primeira questão  
 a ser ventilada por um árbitro de-  
 sejosq de fazer prevalecer o direi-  
 to, seria a das responsabilidades  
 da guerra. Não queríamos, é claro,  
 que o Papa viesse dogmaticamente  
 afirmar de modo peremptorio que  
 essas responsabilidades cabiam in-  
 teiras a este ou áquele beligerante.  
 Isso prejudicaria o seu papel de  
 árbitro, muito embora a sua consci-  
 encia lhe gritasse que podia defi-  
 nir-se com inteira segurança; mas  
 tínhamos o direito de esperar que  
 ele pedisse que se formasse pro-  
 cesso, cujo primeiro acto seria o  
 apuramento dessas responsabilida-  
 des. Ora, a mensagem de Benedito  
 XV não faz a minima alusão ás  
 responsabilidades da guerra, colo-  
 cando assim em pé de igualdade  
 os dois grupos beligerantes: agres-  
 sores e agredidos.

Oferece porém uma novidade o  
 actual documentó pontificio. Con-  
 trariamente aos anteriores, que  
 apenas afluavam a questão na ge-  
 neralidade, este aborda já um cer-  
 to numero de condições concretas  
 susceptíveis de servir de base a  
 futuras conversas diplomaticas.

O Pontífice manifesta-se a favor  
 da liberdade e da comunidade dos  
 mares. Eis a primeira condição  
 que, nas atuais circunstancias, só  
 poderia favorecer a Alemanha que  
 ficaria desse modo com os oceanos  
 livres para o seu commercio, sem  
 que os aliados pudessem opôr-lhe  
 restrições para se defenderem con-  
 tra o seu monstruoso imperialismo  
 economico.

Expressa tambem o Papa niti-  
 damente a sua opinião sobre as  
 questões dos danos a reparar e  
 das despesas da guerra, e sustenta,  
 afinal, a tése alemã de não se fixa-  
 rem indemnisações, o que tanto  
 monta dizer que cada um dos  
 beligerantes teria de reparar como  
 pudesse, os prejuizos que sofreu.  
 Isto é: as nações invadidas, devas-  
 tadas, assoladas; não teriam direito  
 de exigir qualquer compensação  
 aos invasores que as devastaram e  
 assolaram!

Reclama Benedito XV a eva-  
 cuação total da Belgica, que deve  
 recuperar a sua plena independen-  
 cia politica, e tambem a evacuação  
 dos territorios francezes ocupados.  
 Mas o que se restitue á Belgica e  
 o que se restitue á França são ci-  
 dades destruidas, fabricas arraa-  
 das, vias de comunicação desman-  
 teladas, e campos talados. E, para  
 compensar a Alemanha do traba-  
 lho que teve a destruir, a incendi-  
 ar, a talar, a devastar, os aliados  
 teriam de restituir-lhe, integras, to-  
 das as colonias que occuparam.

Pelo que respeita á Alsacia-  
 Lorena e á Italia irredenta, que o  
 Papa classifica de questões territo-  
 riais debatidas entre a França e  
 a Alemanha, e entre a Italia e a  
 Austria, limita-se a um convite ás  
 potencias interessadas para as exa-  
 minar com disposições conciliato-  
 rias, tendo em conta, e na medida  
 quanto possivel justa, as aspira-  
 ções dos povos e a coordenação  
 dos interesses particulares com o  
 bem geral da grande sociedade  
 humana.

O martirio da Polonia sugere  
 ao Pontífice uma homenagem ás  
 suas nobres tradições historicas  
 que devem, bem como os seus so-  
 frimentos, concitar-lhe as simpatias  
 do mundo. Falando dos Balkans,  
 entende que a sua situação futura  
 deve ser estudada com espirito de  
 equidade e de justiça.

Declarando a honra das armas  
 salva para ambas as partes, Benedi-  
 to XV pede indistintamente para  
 todos os beligerantes as benções do  
 Céu.

Temos portanto que, a aceita-  
 rem-se tais bases, seriam evacua-  
 dos, sem qualquer indemnisação,  
 os territorios invadidos da Belgica  
 e da França, e haveria que estabe-  
 lecer-se uma controvérsia relativa-  
 mente á Alsacia-Lorena, á Italia  
 irredenta, á Polonia, á Sérvia e á  
 Romania. Em compensação, a Ale-  
 manha recuperaria todo o seu im-  
 perio colonial perdido, sem ter de  
 reparar os enormes e incalculaveis  
 prejuizos causados, e ainda, para  
 contrapezo, a plena liberdade em  
 todos os mares.

Nenhuma, pois, das justas e na-  
 turais exigencias dos aliados foi  
 considerada como base essencial.  
 Basta que os imperios centrais se  
 mostrem a tal respeito quanto pos-  
 sivel conciliadores!

Deste modo, o Papa foi, de  
 certo involuntariamente, um sim-  
 ples porta-voz dos desejos das  
 chancelarias de Berlim e de Viena,  
 e... havia o direito de esperar um  
 pouco mais da sua imparcialidade.

**Assinatura**  
**PAGAMENTO ADIANTADO**  
 Um escudo no concelho da Feira e resto do continente. As despesas da cobrança pelo correio são levadas á conta do assinante, acrescentadas no respetivo recibo.  
 2 escudos nos Estados-Unidos do Brazil e colonias portuguezas.

**Anuncios**  
 Por linha, 7 centavos; repetições, 5 centavos. Permanentes, preço convencional. Imposição do selo á conta do anunciante.

Anuncia-se e aprecia-se qualquer publicação de que se receba um exemplar.

# CORREIO DA FEIRA

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA

**J. Soares de Sá**  
 Diretor, administrador, proprietário e editor.

**Redacção,**  
 Administração, tipografia e oficinas de impressão,  
 Praça da Republica—Feira.

Publicação semanal, aos sábados de tarde.

Acceptam-se e publicam-se informações ou correspondências que não envolvam responsabilidade. Não se restituem os autógrafos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção e administração,—Praça da Republica—Vila da Feira.

## Portugal na guerra

### Cartas de França

«França, 14 de setembro de 1917.  
 Meu caro amigo Soares de Sá:  
 Como diversas vezes lhe tenho participado, aqui me encontro muito satisfeito num recanto da encantadora terra de Victor Hugo, em serviço da minha especialidade, sendo dia a dia aumentada a alegria.

Ha dias que me encontrei com dois nossos vizinhos; não calcula a minha alegria quando acabei de fazer a continencia a um sr. alferes-medico, que me perguntou se havia doentes e eu lhe respondi:—Não ha, meu alferes. Senti ao mesmo tempo uma profunda dor de alegria quando reconheci que estava falando com o sr. dr. Antonio Sampaio Maia. Conversamos por alguns minutos, sendo grande a alegria que sentimos os dois, pois me disse este sr. official que fora o primeiro homem que encontrára da nossa terra.

Dias depois vi aproximar-se de mim um outro sr. alferes. Puz-me em sentido, fiz-lhe a continencia devida, este correspondeu e aproximando-se perguntou-me:—«Está tão triste!» Respondi-lhe:—«Um pouco, meu alferes; estava pensando nos meus filhos que tenho na terra que me foi berço». Ele respondeu-me:—«Não, deve estar a pensar muito nas familias, porque

faz mal; breve virá o dia que nós regressemos todos a Portugal, abraçar as nossas famílias e os amigos.»

Afirmando-me bem para a fisionomia vi que estava falando com outro nosso visinho, o sr. alferes dos telegrafos, filho do sr. dr. Augusto da Cunha Sampaio Maia, de Fiães. Convidei-o a sentar-se um pouco dentro dum posto de socorro onde é minha habitação. Conversamos bastante em alegre palestra e passada uma hora retirou-se, voltando no dia seguinte com o primo sr. dr. Antonio Sampaio Maia.

Foi de imensa alegria estes dois encontros que encheram a minha alma de satisfação. Como sabe, eu fui mobilizado com uma unidade onde não tinha um só camarada visinho; tratamo-nos como irmãos e como irmãos nos julgamos, mas não ha aquela alegria como se fossemos visinhos.

Com isto termino. Recados a todos quantos lhe são gratos, e um apertado abraço deste seu amigo

Antonio Henriques da Silva  
(Ex-enfermeiro do hospital de Oleiros).

França, 11 de setembro de 1917.

Visitei parte das trincheiras portuguezas e vi os militares portuguezes cheios de animo. Falei com parte deles sobre a guerra e não ouvi palavra que me fizesse desanimar. Encontro-me no sector portuguez. Graças aos nossos valentes combatentes, Portugal deixou de ser esquecido para o mundo, e está sendo louvado pelos povos das mais poderosas nações aliadas. Hoje está o nome de Portugal a desenvolver-se como se desenvolve o sol ao nascer. Temos mostrado quem somos ao inimigo. Os boches estão admirados como os nossos soldados se defendem. Quando a nossa artilharia se desencadeia, eles são obrigados a abandonar trincheiras, abrigos, canhões, armas, etc. Muitas vezes eles mandam uma granada para as nossas trincheiras; de repente uma nuvem de balas os cobre e eles tem de se calar senão os aliados arrazam-lhes as linhas. Esta zona de guerra não faz esmorecer os homens portuguezes. Quando os nossos soldados ouvem os nossos superiores pronunciar o nome de Portugal é como quando o filho ouve falar no doce nome da mãe: ganha coragem, resiste contra todos os perigos. Viemos, pois, mostrar ao mundo quem somos, quem é o soldado portuguez. Viemos para derrotar os barbaros em nome da liberdade e da justiça.

Vivam os aliados! Viva Portugal!  
Manoel Alves Barbuças,  
soldado n.º 564.

P. S.—Já compreendo um pouco de francez. O sr. director do «Correio da Feira» muito me obsequieia publicando esta carta.

#### Um soldado fuzilado

No sector portuguez da frente da batalha foi condenado á morte um soldado do nosso exercito, por traição.

Segundo consta, era do Porto, onde, antes de mobilisado, exercera o officio de *chauffeur* em uma casa alemã.

Num dos bolsos da farda foi-lhe encontrado um apontamento do plano da disposição da nossa artilharia e com ele propunha-se passar para o campo inimigo, sendo então, descoberto, preso e condenado á morte.

Foi o primeiro fuzilamento que se deu no teatro da guerra e Deus permita que seja o ultimo.

**A falta de papel.**—O Mundo, órgão do governo, referindo-se ha dias á carestia do papel, escreve que—«Dentro de pouco não haverá papel próprio para imprimir jornaes».

Estamos bem servidos.  
**Consortios.**—Consortiou-se ha dias o nosso amigo, digno amanuense da Administração do concelho, sr. Artur de Figueiredo Vieira, com a menina Gloria Pereira de Figueiredo, presada filha do sr. Manoel da Costa Pereira e cunhada do considerado comerciante sr. José Francisco dos Santos.

—Hontem realisou-se no registo civil o enlace do sr. Manoel Pinto da Silva Junior, filho do sr. Manoel Pinto da Silva, proprietario do logar da Velha, com a sr.ª Rosa Gomes de Lima, filha do sr. Francisco Gomes de Lima (o de Pombos), proprietario abastado nesta vila.

Aos consoreiados desejamos as melhores felicidades.